

CONVIVA

Convivial Conservation

Decolonização & conservação convivial



O que queremos dizer com decolonizar a conservação?

O QUÊ:

As práticas de conservação refletem a influência das histórias coloniais e das mentalidades (neo) coloniais que criam hierarquias baseadas em raça, identidade ou origem.

Em primeiro lugar, elas moldaram os espaços onde a pesquisa e a política de conservação são gestadas: as histórias coloniais deixaram traços indelévels na terra, nas pessoas e nas estruturas físicas e organizacionais construídas para governar a terra e as pessoas. Todos esses aspectos precisam ser levados em consideração, seja no planejamento de uma pesquisa ou de uma intervenção de conservação. Em segundo lugar, histórias e mentalidades influenciaram a forma como pensamos sobre a natureza e a conservação e suas relações com os seres humanos. Existem muitas abordagens de conservação que foram criadas no hemisfério norte e negam os direitos indígenas, priorizam os lucros do turismo, partem da ideia de que a natureza precisa ser salva dos moradores locais ou deixam de valorizar as perspectivas daqueles que vivem com animais silvestres e conservação.

QUEM:

Devemos abordar a questão sobre quem protagoniza as pesquisas e decisões em conservação. Além da falta de consideração às prioridades e conhecimentos locais, a definição da agenda da conservação continua a ser concedida a acadêmicos e profissionais específicos, inclusive no hemisfério sul. Preconceitos culturais e de gênero mais amplos criam desequilíbrios de poder permanentes que dificultam uma conservação mais ampla e inclusiva.



© Wilhelm Kiwango

O que convivialidade e conservação convivial têm a ver com decolonização?

A ideia de convivialidade de Ivan Illich (1973) propõe uma sociedade construída sobre justiça e liberdade na interdependência responsável: há uma forte ênfase na tomada de decisão participativa e popular, e reconhecendo que a natureza humana e não-humana estão interconectadas. A ideia de conservação convivial de Büscher e Fletcher (2019) também prioriza um afastamento das separações entre humanos e natureza e um engajamento justo e democrático de todos os implicados em processos de conservação. Para tanto, é preciso pensar em alternativas decoloniais, ou seja, maneiras de identificar e resolver problemas que surgiram devido a desequilíbrios de poder relacionados à colonialidade. Isso se aplica tanto em termos de “o quê” – ideias como a separação estrita entre humanos e natureza – quanto do “quem” – grupos que não fizeram parte dos processos de tomada de decisão anteriormente. No entanto, como acontece com todas as intenções decolonizadoras, para evitar imposições externas, as alternativas criadas localmente são vitais para superar as hierarquias baseadas nas diferenças de raça, gênero, idade, condição ou habilidades.

Caso em questão: Ubuntu e conservação socioecológica justa na África Austral

A conservação na África Austral sofreu influências coloniais significativas, inclusive através do modelo protecionista que prescrevia uma separação estrita entre humanos e natureza: isso encorajou os caçadores da era colonial a criar espaços e instituições dedicados à preservação da fauna e à reserva de terras através de áreas protegidas. No entanto, as áreas protegidas têm consequências socioecológicas significativas para aqueles que vivem nas proximidades, gerando distribuições desiguais de riqueza e adversidade.

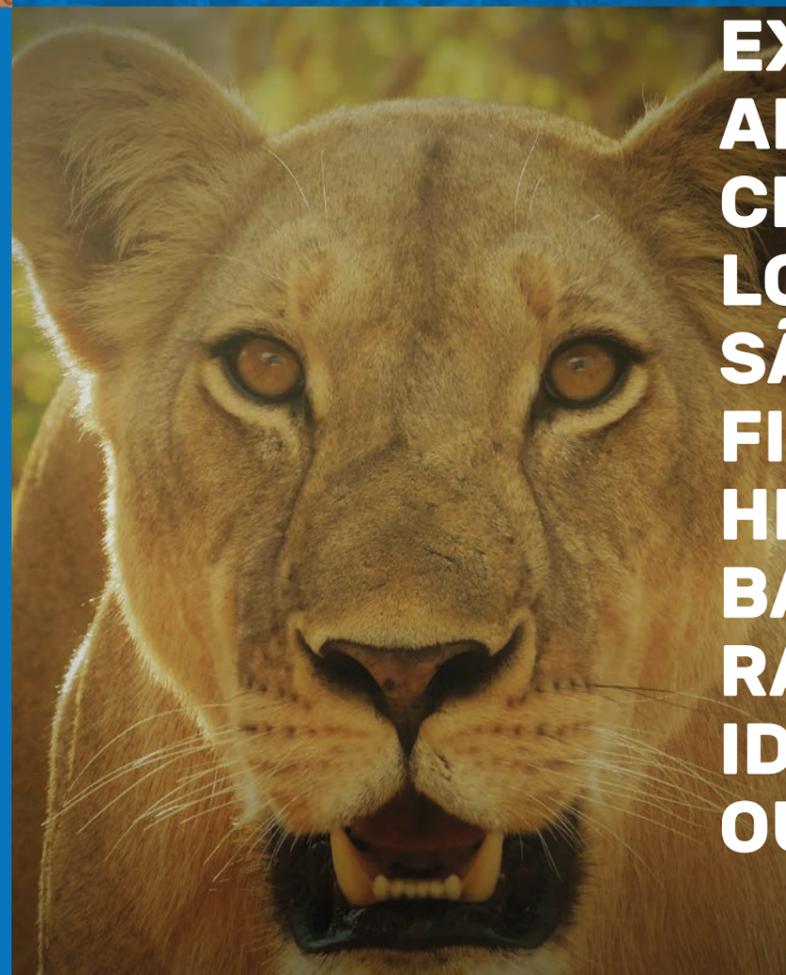
Em contraste, uma “alternativa decolonial” é o Ubuntu, uma filosofia da África Austral enraizada em noções de comunitarismo e interdependência: é uma ética de cuidado para e entre gerações humanas passadas, presentes e futuras, bem como a natureza não-humana. Na África Austral, pode ser uma ferramenta poderosa para projetar a conservação usando conhecimentos locais e indígenas, pois o conhecimento é criado através do discurso comunitário no Ubuntu. Ubuntu pode ajudar a superar a separação estrita de humanos e não-humanos na qual se baseia grande parte da conservação, pois o Ubuntu enfatiza a interdependência e as conexões e reinicia a harmonia e a solidariedade entre humanos e natureza.

Principais perguntas a fazer a si mesmo/ao seu projeto

- Quem está envolvido em seu projeto (pesquisadores, conservacionistas, moradores locais, tomadores de decisão)?
- Em que espaço está ocorrendo? Que medidas se propõe implementar?
- Você é a organização certa para fazer isso? Você deve se aliar a organizações lideradas localmente?
- Que assimetrias de poder e injustiças em torno de direitos, representação, benefícios, tomadas de decisão ligadas a histórias coloniais ou pensamento colonial antecedem seu projeto tanto para “quem” quanto para “o quê”?
- Suas ações correm o risco de perpetuar ou adicionar a essas estruturas?
- Que medidas concretas você pode tomar para lidar com essas estruturas dentro dos limites do seu projeto?
- Quais opções decoloniais estão disponíveis no espaço do seu projeto?
- Embora seja importante ouvir e consultar aqueles cujos direitos foram violados no passado, o ônus não é deles para “resolver” esses problemas – mas seu.

“ PARA EVITAR IMPOSIÇÕES EXTERNAS, ALTERNATIVAS CRIADAS LOCALMENTE SÃO VITAIS A FIM DE SUPERAR HIERARQUIAS BASEADAS EM RAÇA, GÊNERO, IDADE, CONDIÇÃO OU HABILIDADES.”

© Drs H&W Kiwango





Saiba mais:

Kothari, A. (2021). Half-Earth or Whole-Earth? Green or transformative recovery? Where are the voices from the Global South? *Oryx*, 55(2), 161-162. <https://doi.org/S0030605321000120>

Krauss, J.E. (2021). Decolonizing, conviviality and convivial conservation: towards a convivial SDG 15, life on land? *Journal of Political Ecology* 28 (1), <https://doi.org/10.2458/jpe.3008>

Mabele, M.B., Krauss, J.E., Kiwango, W. (2022). Going back to the roots: Ubuntu and the just conservation in Southern Africa. *Conservation and Society* 20 (2), 92-102. https://doi.org/10.4103/cs.cs_33_21

Mabele, M.B., Sandroni, L.T., Collins, Y.A., Rubis, J.M. (2021). *What do we mean by decolonizing conservation?* Conviva-research.com blog post.

Sobre o projeto

O projeto de pesquisa 'CONVIVA conservação convivial' desenvolve novas abordagens conviviais (literalmente: 'viver junto') para entender e praticar a conservação, com foco particular em ursos, onças-pintadas, lobos e leões. O objetivo é estabelecer uma abordagem verdadeiramente transformadora para a conservação que beneficie tanto a fauna silvestre quanto os seres humanos, e que combine mudanças estruturais com soluções de base para promover a coexistência, a diversidade (cultural e biológica) e a justiça. No Brasil, o projeto é financiado por NORFACE/Belmont Forum e FAPESP. Todas as opiniões expressas são dos autores, não do órgão financiador ou de outras organizações.

 www.conviva-research.com  [@convivconserv](https://twitter.com/convivconserv)